

## **MINAS DO CAMAQUÃ: A CIDADE-RUÍNA**

### UMA ANÁLISE SOBRE HISTÓRIA, TRABALHO, MEIO AMBIENTE E MEMÓRIAS

**EUNICE SOUZA COUTO<sup>1</sup>:**

**GUILLERMO STEFANO ROSA GÓMEZ<sup>2</sup>:**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – eunice.couto@gmail.com*

<sup>2</sup>*CEIL-CONICET, Argentina – guillermorosagomez@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho apresenta um estudo antropológico das transformações ocorridas em Minas do Camaquã, 3º distrito de Caçapava do Sul, RS, entre os anos de 1970 e 2000, confrontando esse período com a realidade atual do lugar. A região, marcada pela intensa atividade mineradora, vivenciou profundas mudanças socioeconômicas e ambientais após o esgotamento das jazidas e o encerramento das operações da empresa responsável pela extração de cobre. O abandono progressivo do território resultou na configuração de uma cidade-ruína, cujas memórias ainda reverberam entre os antigos moradores e visitantes. A escolha do tema se deu pela profunda conexão da autora com a antiga cidade mineira, no contexto de uma provocação didática a respeito de “memórias ambientais”, conforme ECKERT, C.; ROCHA, A. e NELSON, D. (2021).

O objetivo central da pesquisa é refletir sobre os impactos da exaustão mineral e o consequente declínio urbano, articulando essas experiências com as possibilidades de revitalização territorial, trazidas pela criação do Geoparque Global da UNESCO, em Caçapava do Sul (2023). A proposta foi compreender como o patrimônio natural e cultural pode ser mobilizado como vetor de desenvolvimento sustentável, promovendo educação ambiental, geração de renda e valorização da memória local. Por isso, realizou-se uma revisitação à vila das Minas do Camaquã, sob uma abordagem antropológica, histórica e geográfica, com o objetivo de compreender as transformações do território e das memórias que o atravessam.

A relevância do estudo reside na urgência de repensar territórios pós-extrativistas, frequentemente negligenciados pelas políticas públicas, mas que guardam potencial simbólico e econômico significativo. Ao trazer à tona as narrativas de quem viveu e vive Minas do Camaquã, o trabalho contribui para a construção de alternativas que respeitem a história e a identidade do lugar. Ao mesmo tempo, as questões teóricas se mesclam às memórias pessoais da autora e enriquecem a análise com uma perspectiva vivencial e afetiva.

A fundamentação teórica está assentada nos estudos antropológicos da memória e da duração, de ECKERT e ROCHA (2013), bem como na antropologia brasileira do trabalho operário segundo CIOCCARI (2012); ECKERT (2023); GÓMEZ (2021) e LEITE LOPES (1976). Deu-se atenção para as leituras a respeito da caracterização espacial realizada por VON AHN, URBAN & SIMON (2017), que contribui para compreender as reflexões sobre as formas de relevo criadas pela ação humana — especialmente em áreas de mineração a céu aberto

— como parte integrante da geodiversidade e do patrimônio natural. Com esse repertório, se deu destaque aos aspectos contraditórios das crises ambientais e as memórias que se evidenciam nos territórios que surgem das ruínas de projetos industriais. A visita ao local, realizada em março de 2025, e as memórias pessoais da autora, vividas em duas fases distintas, enriquecem a análise com uma perspectiva vivencial e afetiva.

## 2. ATIVIDADES REALIZADAS

A pesquisa se estruturou como uma etnografia da experiência, articulando observação direta, escuta sensível e reconstrução de narrativas, onde o corpo que retorna carrega marcas, afetos e indagações. A autora, nascida na localidade onde viveu a infância e realizou os estudos de ensino fundamental, retornou como professora de Língua Portuguesa, na mesma escola. Após um período de seis anos, época em que vivenciou o encerramento das atividades mineradoras, deixou a vila, à qual retornou quase três décadas depois para realizar observação de campo, combinando-a à sua vivência pessoal e pesquisa documental que sustentam este trabalho.

Durante visita realizada em março de 2025, foram registradas as ruínas da antiga mineradora, a paisagem natural e os vestígios da ocupação humana, compondo um relato que evidencia as mudanças na percepção do espaço ao longo do tempo. Utilizando a memória como método – uma etnografia *a posteriori*, como sugere MARTINS (1993) – e a paisagem como documento, o estudo contribui para o debate sobre os impactos da mineração, o abandono territorial e as possibilidades de ressignificação por meio da valorização do patrimônio cultural e ambiental.

A vila, antes marcada pelo ritmo da mineração, hoje se revela como espaço de ruínas e resistências. A percepção vai desde prédios destruídos, reaproveitamento com fins turísticos e comerciais de outros, espaços que denotam o abandono – como o mato que cresce nos terrenos e praças – em contraste com a recuperação da cruz símbolo do lugar, demonstrando como o tempo se dobra e expõe múltiplas camadas de sentido.

Além disso, estudamos como fonte, o documentário “O Sopro da Mina” que oferece depoimentos e imagens que enriquecem a compreensão do contexto local, dialogando com os estudos de KAUTZMAN; NETO; MEDEIROS (2019), que analisam o fechamento da mina como um processo que afetou profundamente a estrutura social e econômica da comunidade. NOGUEIRA (2012), por sua vez, investiga as relações entre mineiros e engenheiros, revelando a memória como patrimônio imaterial e instrumento de pertencimento.

## 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais resultados obtidos revelam que as Minas do Camaquã constituem um território profundamente marcado pela memória coletiva, pela identidade dos trabalhadores e pela transformação da paisagem. A análise das impressões de campo, aliada às narrativas locais e à bibliografia especializada, evidenciou que o trabalho na CBC representava não apenas uma fonte de renda, mas uma possibilidade concreta de ascensão social e acesso a direitos básicos,

como educação e infraestrutura, em um período em que tais acessos eram restritos a populações de regiões mais urbanizadas.

A tentativa de reconversão do espaço minerador em um complexo turístico-cultural, embora interrompida por entraves ambientais e institucionais, reacendeu o sentimento de pertencimento e valorização do legado local, demonstrando o potencial simbólico e educativo do território. As implicações desses resultados são significativas para o debate sobre patrimônio geológico, justiça territorial e desenvolvimento sustentável. A inclusão das Minas no projeto do Geoparque Global UNESCO Caçapava representa uma oportunidade estratégica de reverter o abandono e promover ações integradas de conservação ambiental, valorização cultural e inclusão social.

Esse relato, que combinou fotografias, memórias pessoais, estudo de documentários e revisão de bibliografia, integrará o livro “Águas, Cidades e Quintais: memórias ambientais no Sul do mundo”. A obra é fruto da proposta de ensino na disciplina Antropologia e Meio Ambiente, no curso de Antropologia da UFPel e será composta por diferentes ensaios – textuais e visuais – de estudantes de graduação e outras/os pesquisadoras/es convidadas/os.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIOCCARI, M. Perigos, Riscos e Destino: um estudo das percepções de trabalhadores em minas de carvão. **Revista de Ciências Sociais – Política & Trabalho**. João Pessoa. n. 37, Outubro - p. 129-148. 2012.

ECKERT, Conelia. Revisitando as reminiscências de uma experiência etnográfica (La Grand-Combe, França). In: Carmen Silvia Rial, Caroline Soares de Almeida. (Org.). **Pesquisando além-mar Dilemas metodológicos de campos realizados no exterior**. 1ed. Brasília: ABA, 2023, p. 31-68.

Disponível em: [https://www.abant.org.br/files/413370\\_00166056.pdf](https://www.abant.org.br/files/413370_00166056.pdf)

ECKERT, C. & ROCHA, A.L.C. **Etnografia da Duração**. Porto Alegre. Marcavvisual, 2013.

ECKERT, C.; ROCHA, A. e NELSON, D. (Orgs.) **Tempo e memória ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas**. 1ed.: ABA Publicações, 2021.  
Disponível em: [https://www.abant.org.br/files/161\\_00191578.pdf](https://www.abant.org.br/files/161_00191578.pdf)

GÓMEZ, Guillermo Stefano Rosa. Quando a ferrovia encontra a campanha: memórias e paisagens ferroviárias no sul do Brasil. In. ECKERT, C.; ROCHA, A. e NELSON, D. (Orgs.) **Tempo e memória ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas**. 1ed.: ABA Publicações, 2021, p. 211-242.

Disponível em: [https://www.abant.org.br/files/161\\_00191578.pdf](https://www.abant.org.br/files/161_00191578.pdf)

KAUTZMANN, R.M.; NETO, R.O.; MEDEIROS, D.S. Minas do Camaquã e o Fechamento de Mina. **Grupo de Mineralogia e Geoquímica Aplicada - GMGA**, Belém/PA. Ano 6. n 03. 2019. Disponível em: <https://gmga.com.br/09-minas-do-camaqua-e-o-fechamento-de-mina-camaqua-mines-and-mine-closure/> Acesso em 04 fev. 2024.

LEITE LOPES, José Sergio. O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar. **Rio de Janeiro: Paz e Terra**, 1976.

MARTINS, José de Souza. A aparição do demônio na fábrica, no meio da produção. **Tempo Social**, v. 5, p. 1-29, 1993.

NOGUEIRA, J. E. **Mineiros e Engenheiros: Memória, Identidade e Trabalho nas Minas do Camaquã entre 1970 e 1996**. 2012. 196p. Dissertação de Mestrado em História - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Maria.

Disponível em <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9637> Acesso em 05 fev. 2024

TOWNSEND, T. **O Sopro da Mina**. Documentário - Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Santa Maria. 2023.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kPPOBC2f59Q>

Acesso em set. 2023

UFSM. **UFSM e Governo Federal anunciam Progredir Geoparque Caçapava**. Santa Maria, 15 jan. 2024. Online. Disponível em <https://ufsmb.r-346-8780>. Acesso em 11 mar. 2024

VON AHN, M.M; URBAN, C; SIMON, A.L.H. Diagnóstico ambiental da área de proteção do Geossítio Minas do Camaquã–Rio Grande do Sul-Brasil. **Revista Brasileira de Geografia Física**, Pernambuco. n. 04 v. 10, Maio - p. 1254-1268, 2017